

STAR WARS – O DESPERTAR DA FORÇA (EUA-2015)¹

Luiz Alberto Veiga Vieira Jr.²

Em seu livro “O herói de mil faces” o mitólogo Joseph Campbell (1997) procurou demonstrar as semelhanças existentes entre várias narrativas mitológicas de povos distintos. Baseando-se nas teses da psicologia analítica de Carl Jung, Campbell (1997) identificou estruturas que se repetem, geração após geração, nas histórias contadas pela humanidade. Tais estruturas, os chamados arquétipos, seriam modelos de personagens e situações que podem ser identificadas nas narrativas míticas pelo fato de que estão presentes no próprio inconsciente humano. De maneira genérica seria possível afirmar que durante toda a história da humanidade estamos contando sempre a mesma história, porém em roupagens diferentes. Uma dessas estruturas arquetípicas é a chamada jornada do herói, o mito do indivíduo comum que recebe um chamado para abandonar seu mundo, viver uma jornada de relutância, aprendizado e superação para então retornar ao seu mundo e ensinar o que aprendeu ao próximo escolhido.

Orientado pelo próprio Campbell (1997), o então jovem cineasta George Lucas recontou a jornada do herói em uma história ambientada em uma galáxia distante que viria a se tornar a maior saga de fantasia/ficção científica do cinema hollywoodiano. Assim chegava em 1977 aos cinemas, Star Wars, a aventura do jovem Luke Skywalker e sua jornada ao lado da aliança rebelde para derrotar o perverso império galáctico.

Trinta anos depois do fim da trilogia clássica chegou aos cinemas “O despertar da força” (EUA-2015), a aguardada continuação da história da família Skywalker, dirigido por J.J. Abrams, um filme que com o perdão do trocadilho é uma nova esperança, tanto para a saga quanto para o próprio cinema hollywoodiano.

Um caminho seguro para agradar os exigentes fãs da trilogia clássica seria realizar uma série de homenagens com situações que remetessem ao filme original. E sim, essas situações existem. Porém, a maneira orgânica como elas surgem na

¹ Recebido em 20/06/2017

² Secretaria de Educação do Estado do Paraná. luizjunior.vieira@gmail.com
Revista Livre de Cinema, v. 4, n. Especial, p. 124-126, jul, 2017
ISSN: 2357-8807

narrativa faz com que aceitemos tais referências sem ter a impressão de ser apenas *fan service*. Embora sejam vibrantes os momentos em que revemos personagens ou elementos clássicos, o maior acerto desse novo filme está naquilo que ele apresenta como novidade e nesse sentido a maior parte dos novos personagens são muito interessantes. A protagonista Rey (vivida pela adorável Daisy Ridley) não deixa nada a desejar. A identificação com a garota é inevitável desde as suas primeiras cenas, tanto pela vida difícil que ela parece ter quanto pelos cenários incríveis por onde ela transita. É curioso notar tanto a evolução dramática da personagem ao longo do filme quanto o cuidado da atriz em construir trejeitos físicos (perceba como ela corre com os cotovelos arqueados nas situações de perigo no primeiro ato e como aos poucos ela representa adquirir um domínio maior do próprio corpo e mente). O co-protagonista Finn (o talentoso John Boyega) possui uma origem curiosa para um dos heróis de Star Wars e serve como elo de ligação entre os demais personagens. Além de ter os melhores momentos de humor da projeção o carisma de John Boyega serve como uma ótima química com os demais atores. Outra boa surpresa é o destemido piloto Poe Dameron (Oscar Isaac, que vem demonstrando ser um dos atores mais promissores de sua geração)

Do ponto de vista estético, *O despertar da força* é um dos filmes mais sofisticados da saga. Além de preservar os elementos clássicos como os letreiros iniciais, as transições de cenas sobrepostas por cortinas ou os temas emblemáticos da trilha sonora original (o tema clássico na perseguição contra a *Millenium Falcon* em Jakku é um ótimo exemplo) o novo longa acrescenta aspectos ainda mais refinados em termos de linguagem. A direção de fotografia compõe enquadramentos belíssimos, excepcionalmente no primeiro ato quando lança mão frequentemente de técnicas como a lei dos terços na criação de planos abertos que revelam a imensidão dos destroços de batalhas envolvendo o antigo império. Um dos momentos mais inspirados do filme se dá no clímax emocional do personagem Kylo Ren quando percebe uma mudança nas luzes que refletem em seu rosto, um dos belos momentos nos quais a fotografia de um filme consegue uma luz que é ao mesmo tempo *diegética* (é a luz do próprio ambiente onde a ação está transcorrendo) e *subjetiva* (ela simboliza a tortura emocional pela qual Kylo Ren está passando).

Tão elegante quanto são as soluções encontradas pela montagem para empregar um ritmo ágil ao filme, que só diminui sua intensidade no segundo ato em favor do desenvolvimento dos conflitos principais, como a relutância de Rey e Finn. A montagem frequentemente disfarça as transições entre uma sequência e outra, encerrando as anteriores e abrindo as próximas com um elemento visual em comum (uma porta que se fecha na Millennium Falcon em seguida vemos uma se abrindo dentro de um destroyer). A mais emblemática dessas transições é com certeza a do plano que fecha na máscara de stormtrooper de Finn e que corta para a máscara que Rey usa em suas expedições.

Porém, se existe um grande defeito em *Despertar da força* ele reside paradoxalmente na insistência do longa em resgatar o filme original. Movido pelo medo da rejeição dos fãs mais ardorosos, diversas situações, paisagens e elementos do roteiro ecoam o filme de 77, chegando a parecer uma refilmagem se não fossem os novos personagens. A origem humilde do herói em um planeta desértico, a união de personagens em um bar e até uma nova estação espacial de destruição em massa estão presentes. Mas apesar disso, *Star Wars* renasce com uma heroína forte o bastante para conquistar uma nova geração de fãs e abrir novos e interessantes rumos para o futuro da franquia.

REFERÊNCIAS

CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. São Paulo: Cultrix, 1997.

STAR WARS: o despertar da força. Direção de J. J. Abrams. Estados Unidos, 2015.